

Vitória da democracia

A votação do substitutivo ao regimento apresentado pelo Centrão permite tirar algumas lições, a primeira delas sendo a de que existem grupos organizados dispostos a desmoralizar o Poder Legislativo e a transformar a sede do Congresso Nacional em ringue de luta livre, onde há de tudo, menos civilidade e educação política. O clima registrado em plenário, em que as agressões mútuas acabaram por conduzir um deputado ao Instituto Médico Legal para exame de corpo de delito — afora os insultos que congressistas se trocavam em meio a tapas e pontapés —, parece próprio de romance para moças comparado com o que se registrou de parte das galerias, tomadas por grupos da CUT e da CGT, trelnados e “armados” para tumultuar, insultar, escarnecer, agredir; em suma, inviabilizar o funcionamento do Poder Legislativo. A presidência da Assembléia Nacional Constituinte viu-se colocada em difícil situação: se suspendesse a sessão para que se esvaziassem as galerias, correr-se-ia o risco de no reinício dos trabalhos não haver quórum regimental para votação. Diante disso, foi levada a conduzir os trabalhos em meio à verdadeira “batalha campal” comandada das galerias. O resultado, porém, compensou o espetáculo deprimente, antidemocrático e até mesmo, diríamos pesando as palavras, fruto de deliberada provocação para obstruir os trabalhos e criar clima de tensão política numa capital em que os nervos estão estirados especialmente por causa da falta de governo que se observa, associada a um excesso de autoritarismo no que se refere ao trato das questões tributárias.

Essa lição deve ser meditada com seriedade pelos democratas e por aqueles que, à esquerda, não querem o confronto que apenas favorecerá as forças do obscurantismo. Se os radicais infiltrados na CUT e na CGT — e obedecendo não se sabe a que coman-

dos paralelos — puderem prosseguir em sua tarefa de desmoralização quando se votarem os artigos sensíveis da Constituição, marcharemos para a ruptura institucional.

A outra lição é de caráter positivo. A vitória do Centrão, que já se parecia diluir no horizonte dos acordos não cumpridos ou tornados impossíveis, deu-se por expressiva maioria: 290 votos contra 16 e três abstenções, tendo o grosso da tropa da esquerda se retirado do plenário quando percebeu que não poderia deter o curso dos acontecimentos. Firmou-se, assim, de maneira inequívoca, a maioria democrática na Constituinte. Mais importante do que isso — tendo em conta o clima emocional em que as coisas se passaram —, a vitória foi demonstração inequívoca de que os membros do Centrão sabem resistir não apenas às pressões que se exercem intramuros no Congresso, mas também às ameaças de desforço pessoal e à grosseira agressão vinda das galerias. Os que têm experiência parlamentar sabem que para resistir a esse tipo de coação das galerias, especialmente quando manifestadas em insultos, palavras de baixo calão, arremesso de objetos que podem causar ferimentos leves, para resistir a tudo isso é preciso coragem pessoal e fidelidade a princípios. Os deputados e senadores do Centrão demonstraram ter uma e outra em abundância. Por esse lado, o dia de ontem foi benéfico para a democracia.

A terceira lição é a de que a esquerda revelou o seu exato valor numérico na Constituinte. Não tem a maioria absoluta e não poderá impor à Nação os seus pontos de vista, como ensaiou fazê-lo nas subcomissões, nas comissões temáticas e na própria Comissão de Sistematização. Não foi fácil a articulação do Centrão; os que nele formam tiveram, seguramente pela primeira vez em muitos anos, de praticar o salutar ritual de transigir para chegar a um deno-

minador comum, e depois formar unidos, aceitando, os vencidos, a opinião da maioria. Superaram-se, assim, valdades pessoais e impulsos de vedetismo.

Esse fato foi importante. Mais ainda, como dito atrás, foi a demonstração cabal de que a esquerda não tem maioria. Assim é, bem pensadas e pesadas as coisas, em todas as partes. Os democratas são a maioria, mas se dividem por quizílias pessoais, pouco dispostos à transigência na primeira fase e à organização para a ação, na segunda. A esquerda, não. Essa age monoliticamente, organizadamente e se impõe às maiorias pelo fato de ser organizada. Os que têm experiência política — em grêmios estudantis ou assembléias sindicais — sabem que assim é; sabem que o esquerdista é aquele que fica até a sessão ser encerrada, tenha compromissos ou não, morra de sono ou não. Os democratas costumam discutir e lutar até a undécima hora; depois, como que confiando na “mão invisível” da Liberdade, imaginam que se existe a “mão invisível” de que falavam os clássicos da economia liberal ela deve orientar os homens na política. Por isso têm perdido, quando tudo apontava para sua vitória.

Agora, estabelecido o princípio de que os democratas são organizados e têm maioria, a eles incumbe fazer a Constituição que seja moderna, sem destruir a economia e o Estado com inovações, que são apenas invenções. Possivelmente se dividam na votação de pormenores. Pouco importa. Entre os que permaneceram no plenário para votar, possivelmente haja também aqueles que preferirão esta e não aquela solução. O essencial é que se pode respirar aliviado: o Centrão demonstrou que é capaz de formar, discutir, pelear e ganhar. A democracia lavrou um tento contra aqueles que jogavam na desestabilização.